



Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em Ecologia, pesquisador da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) Monitoramento por Satélite, diretor do Instituto Ciência e Fé, ministro extraordinário das exéquias, autor de várias publicações e pai de quatro filhos.

“No Dia de Finados, festejamos a vida, a esperança da ressurreição, e não a morte. A cruz é o grande sinal da vida e da proteção divina.”

A passagem da cruz

Muitos fazem o sinal-da-cruz ao entrar numa igreja ou parar em frente a um túmulo. No Dia de Finados, o símbolo da cruz predomina nos cemitérios, sobre sepulturas, capelas, cruzeiros, e nos gestos das pessoas. A cruz seria um símbolo da morte? Não! A cruz representa a chave que abre a porta da vida eterna. Por isso, o sinal-da-cruz abre e encerra os ritos do funeral e a cruz é colocada nas salas dos funerais. Ela é traçada com água benta na bênção do corpo dos falecidos e das sepulturas e vai desenhada sobre os caixões. A cruz de Cristo é símbolo da vida.

Na cruz de Jesus Cristo foram derrubados três muros que nos separavam de Deus: o da natureza, o do pecado e o da morte. O muro da natureza separava de um lado o Divino e, do outro, o humano. O Criador e as criaturas. Para muitas religiões, ainda é assim: cada um na sua realidade e dimensão. Mas o filho de Deus se fez homem e habitou entre nós (cf. Jo 1,1-14). No mistério da encarnação do Verbo Divino, derrubou-se o muro das naturezas distintas. Deus se fez homem. Nós também podemos nos divinizar. Isso começa no batismo, continua pela existência e encontra sua plenitude no face a face com Deus! Pela morte, passamos para a casa do Pai.

O segundo muro que nos separava de Deus era o do pecado. Ele foi abatido na cruz, numa sexta-feira de Páscoa. Jesus morreu na cruz para nos libertar do pecado. O alcance desse amor divino ultrapassa o entendimento humano. Somos livres do pecado por termos sido libertados do medo e, principalmente, do medo de Deus e da morte. “Deus não nos ama porque

somos bons, mas para que nos tornemos bons” – dizia Santa Teresinha. Se Deus me ama assim, eu também posso amar assim! Perdoando e fazendo o bem. Na hora da morte, a pessoa pode perdoar tudo e todos. Ninguém é perfeito diante de Deus. Todos precisarão da sua misericórdia infinita, demonstrada na cruz.

Sinal da vida – O terceiro muro abatido foi o da morte, no Domingo da Ressurreição. Deus tomou carne mortal para lutar e vencer a morte (cf. 2Cor 5,14). A morte atacou Jesus, devorou-o como fazia com todos os mortais, mas não pôde absorvê-lo porque n’Ele havia Deus. E é assim que ela foi morta. A Igreja proclama na liturgia pascal: morrendo, Ele destruiu a morte. Jesus Cristo provou a morte em benefício de todos (cf. Hb 2,9). No Dia de Finados, festejamos a vida, a esperança da ressurreição, e não a morte. A cruz é o grande sinal da vida e da proteção divina.

Restos desses muros podem dificultar a união com Deus. Nessa união divina já estão as pessoas falecidas. Muitos tentam reconstruir esses muros, fazendo da morte uma terrível ameaça; e de Deus, um juiz implacável. Eles se escondem nas ruínas do passado e em novos muros divisórios, baseados em poder, riqueza ou saber. Não deve haver temor. O Dia de Finados recorda-nos: na cruz de Cristo, a morte mudou de nome e natureza. Agora, ela é uma passagem para a casa do Pai, para os céus. Não se trata de um lugar, mas de uma nova situação. Estaremos no seio amoroso de Deus, penetrando no seu mistério e vivendo a totalidade da nossa condição de filhos amados.